
A Notícia Construída – Um Olhar Sobre as Instâncias de Produção, Distribuição e Consumo de Notícias em Dispositivos Móveis a partir da Sociosemiótica de Eric Landowski¹

Cristiane Naiara Araújo de SOUZA²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O argumento é o de que a notícia se constrói na relação com o interagente e que importa compreender as instâncias de produção, distribuição e consumo da cibernotícia a partir da sociosemiótica de Eric Landowski, a qual tensiona os pressupostos greimasianos. Trata-se de incursão teórica que visa a compreender, primeiro, as intencionalidades inerentes à instância de produção; depois, a característica aleatória da distribuição – e circulação – da cibernotícia; e, por fim, perceber a instância de consumo como o tempo e espaço onde a notícia será de fato construída pela interação entre os actantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sociosemiótica; Notícia construída; Ciberjornalismo.

INTRODUÇÃO

A notícia, o que é? Sem dúvida, existe um senso comum aos jornalistas que nos conduz à resposta mais imediata, clara e objetiva, muitas vezes na ânsia de demonstrar certo domínio raso e necessário a respeito do produto de nossos trabalhos cotidianos. Neste ponto, não me atrevo a lançar mão de uma dessas respostas pré-fabricadas, primeiro por não achar segurança na maior parte delas e, segundo, porque o objetivo aqui é justamente apresentar a notícia como um sentido contruído a partir das relações que se seguem a cada instância, desde a produção até o consumo.

O que se propõe, sobretudo, é um novo olhar sobre o trabalho do ciberjornalista, mas não só. Antes, pelo contrário, este texto tenciona esboçar uma compreensão teórica das instâncias de produção, distribuição e consumo do produto jornalístico em dispositivos móveis tendo como sua balizadora a sociosemiótica de Eric Landowski. Trata-se, em linhas gerais, de complementação crítica aos regimes discursivos fixados pela semiótica francesa, cujo maior expoente é Greimas (1975).

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática 01 - Jornalismo e apresentado no Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (modalidade virtual).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: comunica.manaus.am@gmail.com.

Autor da máxima “*fora do texto, não há salvação!*”, GREIMAS (1975) leciona – em sua semiótica do discurso – que o percurso gerativo de sentido é o único caminho para compreender o texto (*lato*). Para o autor, o sentido se extrai pela transcodificação, uma perspectiva fenomenológica aplicada ao campo da linguagem. Por outro lado, Landowski entende que a apreensão de sentido do texto não pode se limitar a ele próprio, mas aos outros elementos que formam seu campo de pertinência. O sentido, pois, se efetiva nas relações – nas interações, daí o nome sociossemiótica.

O caminho traçado até a conclusão deste artigo passa pela abordagem sobre o jornalismo, delimitando as principais instâncias de realização e ainda o detalhamento necessário de cada uma. Ao mesmo tempo, o texto prossegue no desejo de estabelecer uma aproximação entre a produção de notícias para dispositivos móveis, a distribuição por meio plataformas digitais e o consumo por intermédio das tecnologias disponíveis e os regimes discursivos greimasianos complementados na perspectiva sociossemiótica. Tais regimes compreendem programação, manipulação, acidente e ajustamento, sendo este último dividido em interação entre os iguais e ajustamento político.

2 JORNALISMO, CIBERJORNALISMO E AS INTENCIONALIDADES AO COMUNICAR AS NOTÍCIAS

Em sua obra seminal, onde aborda a Cibercultura, Lévy (1999) chamou-a de universidade que não comportaria significado central e de verdadeiro sistema de/em desordem – cujos caracteres labirínticos atordoam quem almeja entendê-la sob um olhar cartesiano. Nesse *locus* é que se constroem outras formas de fazer jornalismo por intermédio de um saber-fazer capaz de se apropriar das técnicas, das estéticas e das circunstâncias a todo tempo atualizadas no ciberespaço das imaterialidades e também contrapostas ao *modus operandi* da antecedente sociedade industrial.

Principal intérprete do pensamento de Lévy no Brasil, Lemos (2006) ressalta que o ciberespaço, ao tempo em que desterritorializada, imprime reterritorializações, inclusive porque – como parece comum a todas as mídias – subsiste a ânsia por driblar contrangimentos de tempo e de espaço. Nesse sentido se caminha através dos processos de apropriação tecnológica, experimentações de modelos previamente criados para outros fins e da readaptação do jornalismo a cada curto intervalo temporal. Hoje, as multiplataformas indicam uma passagem da convergência para a divergência, esta como indicativo da autonomia das plataformas em termos de ferramentas, técnicas etc.

No jornalismo nosso de cada dia, muito se ouve falar sobre os tensionamentos que atuam na conformação do discurso reiterado pelas mídias. Pertine à proposta aqui explicitada a lição de Nunes (2005), para quem o jornalismo se institucionaliza como prática de linguagem que está em constante processo. É dizer que o próprio jornalismo – e a notícia em particular – se constituiu como um algo não-acabado capaz de conduzir, necessariamente, à ação-reflexão na sua prática (BAHIA, 2009).

É, pois, o campo de conhecimento e atuação profissional cujo papel discursivo é relevante para a formação de conceitos. Por sua vez, RUBLESCKI (2009, p. 2) afirma o seguinte: “Sem o jornalismo, a sociedade moderna talvez tivesse desenvolvido de forma diversa os princípios de identidade cultural, nacionalismo, opinião pública, massa crítica, ideologia, humanismo”.

Quando se trata do ciberjornalismo³, é forçoso concluir que há tensionamentos agindo no mesmo sentido de uma conformação discursiva. Ou, mais objetivamente, que as instâncias de produção, de distribuição e de consumo carregam suas inerentes intencionalidades. “Para chegar ao público, deve existir uma *intenção* do jornalista e interesse de seu público em informar-se a respeito (pelo menos do ponto de vista de quem escolhe a publicação)” (SOBRINHO, 2013, p. 142).

Neste ponto, seria cabível o detalhamento da série de conceitos que definem o jornalismo, tais como valor-notícia (de acordo com os critérios de noticiabilidade), linha editorial, técnicas de condificação, elaboração de narrativas no, para e através do ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2011; SALAVERRÍA, 2005). Por outro lado, a necessidade de delimitar conduz ao impreciso recorte, de modo que se pretende refletir acerca da produção de sentidos pela abordagem sociossemiótica do processo e do produto (de modo geral), tendo em vista o pressuposto das intencionalidades.

A produção, no ciberjornalismo, tomou rumo próprio depois de se compreender que havia possibilidades outras além das práticas enraizadas da redação tradicional e mimetizadas para os *ecrãs* (CANAVILHAS, 2006). As fases foram se sucedendo umas às outras, até que se chegou ao ponto de entender tal modalidade como dotada de meios, modos e técnicas próprias, estas, por sua vez, possibilitadas pelas ferramentas digitais e inovações tecnológicas na área, pela aquisição de sistemas de gerenciamento

³ Conceito formulado por SCHWINGEL (2012, p. 37), segundo quem o ciberjornalismo é uma “modalidade jornalística no ciberespaço que é fundamentada pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos e que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas”.

nas empresas de mídia (usados desde a definição das pautas até a atualização do material já publicado e/ou distribuído) e pelo domínio técnico dos jornalistas.

Quanto à instância da distribuição e da circulação da notícia no ciberespaço, interessante é o destaque de LEMOS (2010, p. 11) ao espaço e às formas de mediação: “Com as mídias locativas, a espacialização dá-se pelos modos de mediação, pelas formas de ação entre agentes (humanos, artefatos, lugares) a fim de oferecer serviços (navegação, localização, etiquetagem, mapeamento, redes sociais, jogo, acesso etc.”. Nessa esteira, fica clara a atuação de mediadores artificiais para viabilizar a construção de sentidos em cada um dos possíveis caminhos que tomará a notícia, dentre os quais sobressaem a linguagem, as instituições e os artefatos (LEMOS, 2010).

Ainda que o autor fale a partir de outro referencial teórico-metodológico, Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), é relevante seu entendimento sobre as materialidades e não-materialidades, as humanidades e as tecnicidades que se conduzem para exercer, conjuntamente, a interação que irá resultar na atribuição de sentidos conforme as intencionalidades previstas ou surgidas no processo. Sem dúvida, para quem mantém perfis em redes sociais (e os utiliza frequentemente), as notícias devem circular mais rápida e fluidamente – o contrário também será verdadeiro.

Em termos de consumo, este sofreu enormes modificações ao longo das últimas décadas. Partindo de uma perspectiva organizacional, Fossá (2008) defende que os meios técnicos são componentes materiais aptos a produzir, reproduzir e transmitir formas simbólicas, articulando-se com os contextos individuais, os quais podem estar inseridos em diferentes tempos e locais.

A questão do acesso (ou do não acesso), contudo, persiste como um gargalo na instância do consumo, pois o planejamento deve considerar as distintas realidades socio-espaciais dos sujeitos – e cumprir um nivelamento sempre na posição inferior –, inclusive quanto à disponibilidade das tecnologias. Tal planejamento é que costumava definir padrões de consumo praticamente imutáveis no passado. Arrematando, Lemos (2010, p. 79) alerta sobre as transformações vistas hoje: “os novos media permitem a comunicação individualizada, personalizada e bidirecional, em tempo real. Isso vem causando mudanças estruturais na produção e distribuição da informação (...)”.

Retornando ao tema das intencionalidades (explícitas ou implícitas) no fazer jornalístico no ciberespaço, avalia-se que a dificuldade de identificá-las ou classificá-las reside na propagada ideia de que, quando se trata das redes, o jornalismo atuaria

como um “redistribuidor de poderes de controle entre todos os membros do sistema [...] ao mesmo tempo fontes e produtores de conteúdos” (MACHADO, 2002b, p. 6). É a ideia pronta e acadêmica da democratização irrefletida propiciada pelos meios técnicos.

Conforme se buscará demonstrar adiante, o ideal de uma diluição das tensões entre poderes (de fato, de direito, aparentes ou não) não se concretizou até o momento. Antes, no entanto, é necessário um prévio entendimento acerca da sociosemiótica.

3 A SOCIOSEMIÓTICA DE LANDOWSKI

Por certo, a semiótica é tema demasiado complexo para ser esgotado num tópico inserido em qualquer texto, ainda que seja autointitulado analítico. Neste trabalho, a pretensão limita-se a compartilhar a exposição resumida dos principais antecedentes teóricos, das notórias marcas divergentes e das mais relevantes contribuições feitas pela sociosemiótica como a teoria geral dos sentidos que afirma ser.

A marcada posição de Landowski é a de que “*sim, fora do texto a semiótica continua*”. O estudioso, nesse ponto, se contrapõe ferrenhamente à máxima sobre a qual se firma o argumento greimasiano de que “fora do texto, não há salvação!”. Sobre a semiótica discursiva já existem obras publicadas no Brasil desde os anos 1970. Em sua abordagem, ele mantém um certo “apego” ao texto, sendo este entendido como algo delimitado (livro, quadro, letra de música etc.) sobre o qual o semioticista opera o percurso gerativo de sentido (GREIMAS, 2008, p. 194). A crítica a essa acepção versa sobre a sua subordinação às estruturas sociais que limitam o olhar semiótico.

Já Landowski entende que, na verdade, não seria possível extrair qualquer sentido de um texto sem considerar seu “entorno”, ou seja, o seu campo de pertinência (LANDOWSKI, 2014), haja vista que, para ele, o sentido exsurge exatamente da interação, das práticas diversas e das relações vividas com/entre os objetos. Com seu trabalho, desenvolve uma teoria geral da geração de sentido que se elabora a partir da interação, nomeando tal abordagem de sociosemiótica.

Essa acepção semiótica já se desenvolvia nos anos 1970 na França, na Itália e na América Latina, inclusive em trabalhos de análise crítica das mídias. O pesquisador ressalta que a sociosemiótica delineou seu objeto como “o sentido constituído pela e na interação” e, para ele, “analisar sociosemioticamente [...] objetos de ordens diversas é [...] colocar a noção de interação no coração da problemática da significação” (LANDOWSKI, 2014, p. 11). A pretensão aqui será a de construir uma problemática

mais abrangente da significação, com o escopo de “articular uma estrutura imamente a cada discurso ou prática para ter como resultado da construção de sentidos negociada entre actantes”, superando a ideia de simples descoberta das unidades pré-codificadas.

O sociosemiótico, portanto, prefere compreender os processos aos sistemas pé-significantes. É pela análise dos processos que são reveladas as práticas – e as interações – que de fato geram os sentidos. As possibilidades multiplicam-se, haja vista a emergência de configurações inéditas que conduzem a uma “apreensão do sentido em ato” – nunca antes, nunca depois. O esquema abaixo revela muito didaticamente o modelo de abordagem proposto por Landowski (2014):

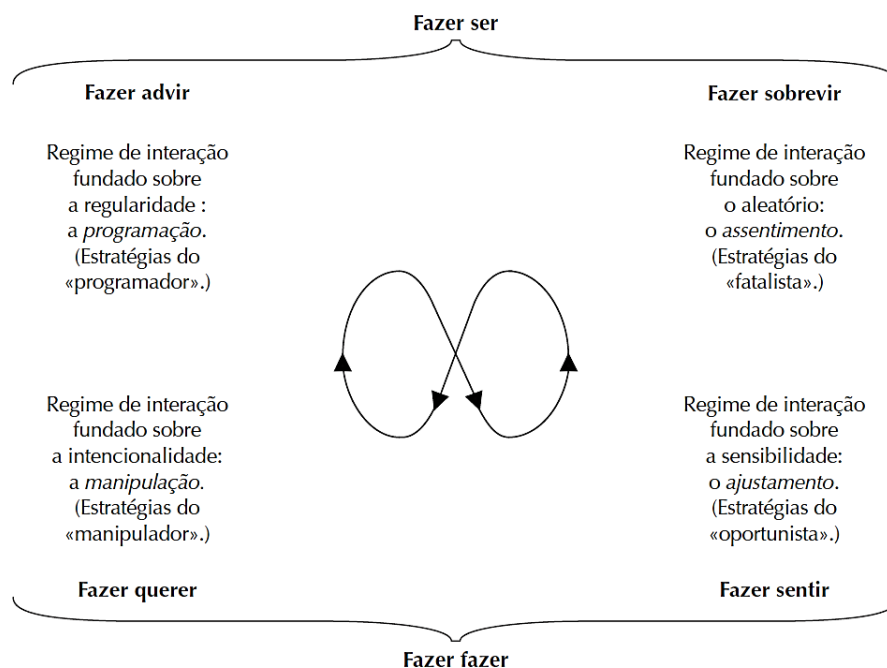


Figura 1: Esquema de apreensão de sentidos formulado por Landowski.
Fonte: edição original (2005: *Les interactions risquées*, Limoges, Pulim).

Todavia, a interação é algo que pressupõe a presença do outro. Com o outro, diz Landowski (2002), é que o sentido se perfaz. Aceitando o risco de uma incursão extratextual, neste ponto faz-se uso da licença poética para citar os mais famosos versos do poeta lisboeta Mário de Sá-Carneiro <<Eu não sou eu nem sou o outro/ Sou qualquer coisa de intermédio: pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o outro>>. Essa “qualquer coisa de intermédio” é que se poderia chamar de sentido gerado no ato, pelo encontro do que se complementa entre o que há em mim e o que há no outro.

Partindo para uma tentativa de sistematização do pensamento de Landowski em relação à semiótica greimasiana, recorre-se à brilhantemente elaborada por Demuru

(2019), que é atual e ao mesmo tempo é um resgate das principais ideias que ora divergem, ora se complementam. Para esse professor, existem quatro elipses a serem consideradas na confrontação entre Greimas e Landowski.

A primeira é a teórica. Se, para o primeiro, o sentido é reserva de significações histórica, social e culturalmente sustentadas e aplicadas à linguagem; Landowski propõe que, na verdade, a condenação está em ter que reconstruir sentidos. Em outras palavras: não estaríamos condenados ao sentido, mas sim ao fado de reconstruí-lo.

Na elipse epistemológica, a tensão que se coloca é a seguinte: se a semiótica greimasiana dizia haver duas formas de se apreender o sentido pré-constituído (pela programação - mera repetição, para quem segue à risca esquemas, rotinas e pistas de sentido prefixadas; ou pela manipulação - no caso de quem adere à intencionalidade estratégica de um destinador); a sociosemiótica expõe a recriação pelas configurações de acidente e de ajustamentos (consenso ou subversão/resposta).

Em terceiro lugar, Demuru (2019) aponta as elipses metodológicas. Nesse caso, destaca o autor que, enquanto a abordagem greimasiana elege o objeto submetido à análise por meio do percurso gerativo de sentidos – para extraí-los; a sociosemiótica considera, além do objeto, as trajetórias onde o sentido evolui. Em suma: trata-se da sintaxe geral que articula as relações entre as sintaxes particulares dos distintos regimes sócio-comunicacionais usados para re-significar o mundo pelas relações (DEMURU, 2019). É atrelar as interações em ato às suas traduções discursivas, é observar a “experiência” e o “discurso da experiência” (LANDOWSKI, 2014a), seja no discurso produzido por sujeitos da experiência ou por enunciadores externos.

As elipses políticas dizem respeito, segundo Demuru (2019), ao recorte de um *corpus* de análise, do qual nenhuma pesquisa social está imune. Ao delimitar o objeto, escolher as questões de pesquisa e definir o percurso para alcançar o objetivos propostos, o pesquisador faz escolhas políticas. Nesse diapasão, Landowski defende um olhar comprometido ao buscar as relações entre as micro e a macro configurações de modo a serem reveladas as relações de força. De outro lado, Greimas isenta o texto-objeto da incidência de quaisquer alterações oriundas da interação ao delimitar como únicos regimes de sentidos a programação e a manipulação, já mencionados.

Por fim, cumpre salientar que, mais do que divergente ou antagônica, a posição tomada por Landowski em relação à semiótica greimasiana reside no sentido de complementá-la e ampliar, assim, o escopo da abordagem semiótica dos fenômenos,

das relações e dos atos de experiência. A notícia, por exemplo, é mais que um texto fechado em si, é um conjunto de possibilidades de sentido que vão além da pretensão que se deu a ela durante os processos de sua elaboração.

4 A NOTÍCIA CONSTRUÍDA – UMA ABORDAGEM SOCIOSEMIÓTICA DAS INSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO

Depois de necessárias incursões teóricas a respeito dos temas da notícia e da sociosemiótica em separado, chegou o momento de trabalhar a relação inicialmente proposta. O argumento deste texto é o de que a notícia será construída na relação com o interagente e, além disso, que importa compreender as instâncias de produção, de distribuição e de consumo da cibernotícia a partir de uma abordagem sociosemiótica que tensiona e complementa os pressupostos greimasianos.

4.1 A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA E AS INTENCIONALIDADES DE PROGRAMAÇÃO E MANIPULAÇÃO

A fim de traçar um percurso o mais lúcido quanto seja possível, este subtópico busca entender como a instância da produção noticiosa do ciberespaço está atrelada ao modelo de transcodificação pelo qual o “leitor” será conduzido a uma das duas formas reativas perante seu enunciado discursivo.

Ao implementar a narrativa jornalística – esta de conformidade com as linhas editoriais da empresa (ou conglomerado) de mídia, o jornalista se propõe a constituir esquemas que visam à programação ou à manipulação e a serem manifestados na instância do consumo, ambos dotados da “intencionalidade estratégica do destinador”.

Ou melhor, ao encontrar a notícia – que seria história, cultural e socialmente construída – o seu intérprete teria dois caminhos para desvelar os sentidos daquele texto. A refazer o percurso gerativo de sentidos, estaria diante das possibilidades pré-determinadas que conduziriam ou à programação (inscrita na ideia de se seguir à risca, por mera repetição, os sentidos antes forjados) ou à manipulação (cuja intencionalidade conduz à ação nos exatos moldes pré-fixados).

Pensando a partir do esquema de Landowski (2014a), enquanto a programação é o “fazer advir” fundado na regularidade pelas estratégias discursivas do programador;

a manipulação está assentada no “fazer querer”, ainda mais *damaging*⁴, por assim dizer, pois, pelo uso das estratégias do manipulador, revela-se a intencionalidade a priori que se pretende ver satisfeita na fase de consumo.

Ao pensar o jornalismo, vê-se que a sua propalada “função social” é informar para formar opinião. Em outros termos, trata-se de narrativa construída para programar as reações dentro de um padrão esperado para determinado público. No jornalismo de serviço durante a pandemia de Covid-19, o fio narrativo principal busca propagar “a não exposição ao vírus” e ainda os “cuidados de prevenção, como lavar as mãos, passar álcool em gel e usar máscara”. Essa tem sido a programação central nesse tema.

Pensando sobre estratégias de manipulação dentro desse mesmo contexto (fazer querer), nota-se: o foco narrativo principal do manipulador é no intuito de atribuir responsabilidade às pessoas quanto à progragação do novo coronavírus, mas, também, de atribuir responsabilidade ao poder público quanto ao eficaz aparelhamento dos sistemas públicos de saúde, às providências de testagem de populações e à manutenção das condições mínimas de sobrevivência pelo período de paralisação dos serviços não essenciais e de desemprego (concedendo benefícios e auxílios). Os exemplos ajudam a entender como operam os modelos de intencionalidade formulados na instância de produção. Dito isso, busca-se explicitar o que ocorre na instância seguinte.

4.2 A DISTRIBUIÇÃO DA NOTÍCIA E A CONFORMAÇÃO DAS SINTAXES GERAIS A PARTIR DE SENTIDOS PRÉ-CONSTRUÍDOS

Notícia revisada e editada, todos os links testados, sistema de gerenciamento de conteúdo já alimentado pelos bancos de dados virtuais, sistemas de distribuição e de circulação aptos e operantes. Chegou a hora de a notícia ganhar o mundo!

Neste ponto, importa mencionar que a distribuição e a circulação das notícias dependem de muitos fatores, inclusive porque, devido ao seu curto tempo de vida (algo inerente a ela), deve alcançar o quanto antes o maior número de pessoas, deve ser – na ausência de termo mais correto – viralizada através da rede. Para tanto, são empregadas diversas estratégias de marketing digital (termo da moda nos últimos anos) para ir além do tradicional tráfego orgânico. Assim, não há como esperar que alguém pesquise pelo nome do portal nos sites de busca, motivo pelo qual a interação com os possíveis

⁴ No sentido de prejudicial.

consumidores terá de começar antes de se colocar a notícia na prateleira, “à venda”.

Aqui, necessário retomar a teoria. Demuru (2019) destaca que a sociossemiótica valorizar, sobretudo, “a experiência” e “discurso da experiência”, buscando atrelar as interações em ato às suas traduções discursivas. E mais: isso não vai na contramão do que leciona Greimas. Para ele, há dois trajetos convergentes que correspondem a duas “operações complementares de recortes de relações, as quais tanto Greimas quanto Landowski nos convidam discretamente a realizar” (DEMURU, 2019, p. 21).

A primeira fala da necessidade de relacionar micro e macro configurações de sentido – isto é, a necessidade de buscar as isotopias (plásticas, figurativas, temáticas, narrativas) que textos-objetos ou as práticas de vida com confins mais ou menos delimitados entretêm com os discursos, as axiologias e as ideologias do universo ou dos universos socioculturais em que se inscrevem e transitam. A segunda refere-se à exigência de atrelar as interações em ato às traduções discursivas, observando conjuntamente a experiência e seu discurso correspondente, seja tal discurso produzido pelos sujeitos envolvidos na experiência ou por enunciadores externos.

Para entender como isso funcionaria quando se busca enxergar distribuição e circulação de notícias, melhor exemplificar. Basta pensar numa busca de conteúdo na *web*, por exemplo, o calendário de pagamento do auxílio emergencial pago pelo governo federal durante a pandemia. Logo aparecem os principais sites de notícias que falam sobre isso, você clica no link da notícia e começa a ler na página da empresa jornalística. Lá, você tem as opções de compartilhar, curtir, comentar, enviar por email... enfim, é uma forma de experienciar a notícia como propulsor dessa informação para os seus pares; ou, ao contrário, se discordar dela, ignorá-la.

Ao analisar alguns dos aspectos tratados neste trabalho, Jenkins (2013) diz que a mudança – da distribuição para a circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, no qual “o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia” (JENKINS, 2013, p. 4).

O autor evidencia que as formas como isso ocorre não poderiam ser imaginadas antes, mas, hoje, tal espraiamento é possibilitado pelo que ele identifica como “cultura participativa” (Ibid., p. 7). Ele ilustra com o emblemático caso da cantora Susan Boyle, cujo vídeo de participação no *reality American Idol* alcançou a marca de 2,5 milhões

de acessos em apenas 72 horas. Todavia, segundo o investigador, o fenômeno Susan Boyle se desenvolveu naquelas proporções por conta dos relacionamentos entre comunidades, facilitados por sites de redes sociais, ferramentas de compartilhamento de mídia e, ainda, plataformas de microblogs que estão ao alcance das mãos.

De volta ao jornalismo, pode-se afirmar que essa primeira interação com a notícia – um contato ativo oriundo de uma busca, mas que poderia ter sido “aleatório”, na verdade em meio a uma navegação que reconhece preferências – é capaz de gerar resultados, como a deferência a notificações, a assinatura de *news letter*, a possibilidade financiar o site com doações ou assinatura periódica. Isso dependerá de fatores como credibilidade do enunciador e linha editorial explicitada, mas, sobretudo, do universo sociocultural do interagente, que irá sinalizar interesse por aquele tipo de conteúdo. De então, ele poderá se tornar um aliado nas estratégias de circulação das notícias.

4.3 A NOTÍCIA CONSTRUÍDA NO CONSUMO

A notícia é sim construção entre o um (que a narra e a equipa) e o outro (que a lê, analisa, comenta, interpreta, compartilha, ignora, transita por ela, discorda dela). A despeito da discussão no tópico antecedente e das intencionalidades explicitadas antes disso, o que se tem neste momento é o texto⁵ que percorre em busca de mais e mais pessoas com quem possa interagir para gerar sentidos novos e replicáveis.

Antes voltemos ao pensamento de Lemos (2010), quando ele fala do processo sociotécnico que envolve as mídias locativas, vistas como conjunto híbrido de atores humanos e não humanos num contexto local. “Desta inter-relação podemos, em tese, inferir um novo *status* ontológico do lugar, que passa a ser dotado de características informacionais pela intersecção de suas dimensões físicas, imaginárias, históricas, culturais, econômicas com a nova camada informacional” (LEMOS, 2010, p. 9).

Neste ponto, atenta-se para a existência de condições e condicionantes capazes de potencializar ou de burlar o exato cumprimento daquele protocolo de interfaces programadas para ocorrer a partir do encontro com o “leitor”. Acontece que, nesse meio tempo/nesse meio espaço, existem as incertezas tecnológicas, intelectuais, morais etc., todas elas dando suas parcelas de contribuição. Para não estender indefinidamente

⁵ Texto na acepção da semiótica discursiva, como um *corpus* ampliado de significações. Para Greimas (2008), um texto não é a soma de múltiplos significados, mas um todo único e coerente que constrói um sentido que lhe é próprio.

o presente estudo, atenhamo-nos às incertezas de ordem tecnológica.

Ora, uma cibernotícia é pensada como uma narrativa de efeitos, ou seja, que será capaz de gerar efeitos pelo uso de aplicações agregadoras – que são parte da narrativa noticiosa – cujo fim é proporcionar a experiência intencionalmente preparada pelo narrador. No entanto, ao se aplicar a esse “plano perfeito” aquilo que Landowski (2014) chama de “regime de interação fundado no aleatório”, logo se percebe que as certezas discursivas estavam calcadas, isto sim, sobre solo escorregadio... e estas são as “estratégias do fatalista” propostas pelo autor na sociossemiótica.

Para que sejam cumpridos os objetivos propostos lá na fase de produção, na qual subsiste o controle, é necessário que as condições previstas se mantenham com o mínimo de estabilidade. Assim, para ser a relação plena (?) de entendimento entre o cibernarrador e o ciberleitor – *pela ótica do destinador* –, na qual as micro e as macro configurações de sentido sejam efetivamente correlacionadas, nada mais básico do que a existência de tecnologias – *pela ótica do leitor* – que sejam capazes de revelar os sentidos involucrados nas cápsulas multimediatas, hipertextuais e pretensamente interativas cuja criação se deu integralmente na instância produtiva.

Em síntese, não há como comunicar (conforme o planejado) se não existe, do outro lado, uma tecnologia capaz de “transcodificar” os sentidos encapsulados pelas potencialidades das quais só o destinador disporia. Porém, não se está a afirmar que inexistiria qualquer sentido a ser extraído dessa interação.

Prosseguindo, retorna-se ao esquema de Landowski (2014), segundo o qual, além das estratégias de “fazer advir” (programação) e “fazer querer” (manipulação), há as estratégias de “fazer sobrevir” e “fazer sentir”. Explica-se: enquanto o “fazer sobrevir” diz respeito ao regime de interação fundado do aleatório, do qual já se falou aqui neste tópico e que agora se nomeia; o “fazer sentir” baseia-se no regime de interação fundado na sensibilidade – é o ajustamento.

Nesse quadro, defende-se que a notícia construída não é nem aquela acabada na instância de produção, nem aquela que circula nas redes, já parcialmente sob o domínio do interagente do lado de cá, consideradas as suas limitações tecnológicas. A notícia contruída é sim o resultado desse conjunto de operações que se completa, na verdade, na instância do consumo propriamente dito, ou seja, quanto o interagente tem, de fato, a dimensão que lhe cabe da notícia (texto norteador, vídeos a que consegue ter acesso, links disponíveis nos quais clicar, comentários que ler e postar etc.), interpretando-a.

De posse disso, o interagente pode atuar no sentido de ressignificar o “objeto de valor” a partir dos dois regimes por ele propostos: o do acidente e o do ajustamento. Com efeito, importa mencionar que, nesta análise, considera-se o regime do acidente como aquele algo imprevisto, outrora mencionado, e que engloba as “estratégias do fatalista” (Landowski, 2014). Ora, o que depende da *alea* na instância de consumo da notícia? Tudo quanto depender da ação para se revelar, seja o toque na tela, a abertura de um infográfico em 3D, a visualização de um vídeo – como decisões. Tudo isso seria a notícia em potência, mas não o é enquanto não se revelar pela ação de quem a desvela.

Prosseguindo, passa-se a explicar sobre o ajustamento, o qual está fundado nas “estratégias do oportunista” e se revela como o “fazer sentir”. Ou seja, aqui é onde começa de fato a construção do sentido. Landowski (2014) alerta que o ajustamento não se confundiria com a adaptação (programação) ou a aceitação da vontade do outro (manipulação). É, na verdade, um regime onde ambos os actantes coordenam suas dinâmicas em face da *sensibilidade*.

O ajustamento recíproco remete à lógica da união, na qual, em obediência à sensibilidade, o desenvolvimento de sentidos é mútuo, permeado de reciprocidade entre os actantes e plástico na medida em que essa estética se constituiu ao mesmo tempo em que se exerce. Ao ter a notícia a seu dispor, o actante do lado de cá entra em contato com quem a produziu, toma consciência de como ela chegou até ele e descobre sentidos – iguais, diferentes, similares ou opostos aos que o jornalista pensou ao criar o texto. Portanto, uma mesma notícia terá graus de impacto, informação, paixão, repulsa etc. diferentes a depender das relações entre as sensibilidades dos actantes.

O jornalismo tornou-se campo de lutas simbólicas sem precedentes. A notícia, por seu turno, ora pode ser usada como arma de ataque, ora pode ser forma de defesa e de emancipação. Só que ela será uma coisa ou outra não pelo que se pretendeu que fosse quando da sua elaboração, mas ela se constitui numa coisa ou noutra no percurso que a faz circular e, sobretudo, no contato com o interagente, com suas predisposições e sua sensibilidade. A notícia e seu “valor” se constroem na interação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, a proposta foi apresentar uma visão sociossemiótica sobre o principal produto do jornalismo, qual seja a notícia. Para elaborar um percurso teórico minimamente consistente, os subsídios foram obtidos tanto na teoria do jornalismo

quanto na semiótica proposta por Eric Landowski.

A notícia é produto, e essa assertiva pressupõe que existe uma cadeia por onde ela passa e vai se formatando até alcançar o seu consumidor final. Essas fases são as instâncias de produção, distribuição (e circulação) e consumo, analisadas a partir do ponto de vista semiótico retrocitado. Mas essa mesma notícia não é apenas produto resultante de uma cadeia aos moldes industriais, é, com mais razão, produto da interação, das experiências e dos sentidos construídos através dela.

Com efeito, a sociossemiótica de Landowski, cremos, mostrou-se interessante ponto de vista pelo qual pode se desvelar o desenvolvimento da cibernotícia nas três instâncias, sobretudo, na última (a do consumo), onde efetivamente se releva. Ali – no contato com o interagente que a lê e vasculha potenciais hipertextuais, multimidiáticos e pretensamente interativos – é que a notícia se constrói como o sentido compartilhado de quem a escreveu, de quem a fez chegar ao interagente que a tem sob seus olhos e dedos e deste último. Ela será o que ele vê, o que deixa de ver, o que o faz concordar ou discordar, o que o leva a agir ou não – enfim, o que o sensibiliza.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Benedito Juarez, 1930-1998. **História, jornal e técnica**: as técnicas do jornalismo, volume 2/ Benedito Juarez Bahia. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- CANAVILHAS, João. **The news on Webjournalism**: reading on image and architecture of information. Universidade da Beira do Interior, Covilhã, Portugal, 2006.
- CANAVILHAS, João. O novo ecossistema mediático In: **Revista Index Comunicación**, nº1, 2011. [Conferência '15 anos de jornalismo exclusivamente Online']. www.bocc.ubi.pt.
- DEMURU, Paolo (2019). De Greimas a Eric Landowski. A experiência do sentido, o sentido da experiência: semiótica, interação e processos sócio-comunicacionais. **Galáxia** (São Paulo), (spe2), 85-113. Epub Dec 20, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-25532019545630>.
- FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan; KEGLE, Jaqueline Quincozes da S. Da sociedade midiática à sociedade midiaticizada: a complexificação da ambiência organizacional (p. 251-269). In: **Em torno das mídias**: práticas e ambiências. Orgs: Elizabeth Bastos Duarte; Maria Lília Dias de Castro. – Porto Alegre: Sulina, 2008 (Coleção: Estudos sobre o audiovisual). 287 p.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Introdução. In: JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable media**: creating value and meaning in a

networked culture. São Paulo: Aleph, 2013. P..

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, E. **Sociosemiótica**: uma teoria geral do sentido. *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2014a.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEMOS, André. **Ciberespaço e tecnologias móveis**: processos de territorialização e desterritorialização na Cibercultura. 15º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Bauru, 2006. <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>.

LEMOS, André. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede” (p. 5-29). **Comunicação e Sociedade**/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social: Universidade Metodista de São Paulo. Ano 32 – N. 54: 2º semestre de 2010. – N. 1 (jul. /1979). São Bernardo do Campo: Umesp. ISSN: 0101-2657 (Semestral).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**/ Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS).

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Congreso Latinoamericano De Ciencias de la Comunicación, 6., Santa Cruz de la Sierra: Universidad Privada de Santa Cruz de la Sierra, 2002b. www.bocc.ubi.pt.

NUNES, Maíra Fernandes Martins. **Tempo e linguagem no Webjornalismo**. Niterói. UFF: 2005.

RUBLESKI, Anelise. **Jornalismo pós-moderno**: uma discussão dos valores míticos na sociedade hiper-espetacular. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009. www.bocc.ubi.pt.

SALAVERRÍA, R. 2005 **Redacción periodística en Internet** (Pamplona: Eunsa).

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção comunicação em pauta).

SOBRINHO, José Coelho. A essência do jornalismo está na apuração In: **Antes da pauta**: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI/ Enio Moraes Júnior, Luciano Victor Barros Maluly, Dennis de Oliveira (orgs.) – São Paulo: ECA/USP, 2013. 153 p.